

**REPRESENTAÇÕES DE LÍNGUA EM PROFESSORES BRASILEIROS
MIGRANTES: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE¹**

Jully LIEBL

(Orientadora): Profa. Dra. Maria José Coracini

RESUMO: Nesta pesquisa, pretendemos observar, no dizer de professores de língua portuguesa migrantes no estado de São Paulo, quais as representações de língua, de identidade nacional e quais são as representações que eles têm de si mesmos (enquanto professores), para isso serão realizadas análises de entrevistas informais e de redações escritas sobre o “Professor escreve a sua história”, ou trechos dessas. Analisaremos os *corpora* considerando que a identidade é móvel e fragmentada; que o sujeito, cindido, constituído pela e na linguagem, é construído pelo olhar do outro, definindo-se pela alteridade.

Pretendemos, então, contribuir para as discussões em Lingüística Aplicada no que tange à reflexão do ensino da língua materna (no caso do Brasil, o português), e, conseqüentemente, para a formação de professores.

Palavras-chave: 1. Lingüística Aplicada, 2. Identidade, 3. Sujeito, 4. Discurso.

Introdução

Ser migrante é entrar em choque com outras culturas e línguas. Ser professor de língua portuguesa, ainda hoje é ensinar a norma culta padrão impondo regras gramaticais normativas também à oralidade, o que pode levar à discriminação de outras variantes regionais. Como a falada pelo professor migrante que talvez se veja assim, em situação de conflito diante de seus alunos e da instituição escolar. Assim, queremos compreender as concepções de língua que permeiam o discurso na escola e discutir a identidade nacional, pensada pelo prisma do professor migrante. Levantaremos, pois, questões como a suposta unidade da língua e outras que possam emergir do e no discurso do professor migrante.

O Brasil é tido como um país homogêneo quanto à sua língua - o português. Contudo, essa afirmação é inadequada, pois muitas línguas são faladas aqui e muitas são as suas variantes, visto que, além das inúmeras línguas

¹ Este trabalho de iniciação científica se insere no projeto: “A suposta uni(ci)dade da língua: entre memória e esquecimento”, orientado pela Profa. Dra. Maria José Coracini.

indígenas², o Brasil recebeu (e ainda recebe) imigrantes de várias partes do mundo que se instalaram nas diferentes regiões do território nacional. Além disso, como Coracini diz:

Todo ato de enunciação, todo uso de língua transforma o sujeito e transforma a língua, assim como o uso da língua (que nunca é apenas uma) pelo povo invadido, castrado, submetido ao poder do colonizador transforma o colonizado, o colonizador e a própria língua e, com esta, a cultura de um e de outro, pois ele a altera, movimenta-a, deixa na língua e em si mesmo uma espécie de cicatriz, de marca, de ferida. (CORACINI 2007, p.49-50).

Assim, também pelas transformações que ocorrem nas línguas, podemos perceber que o Brasil não é um país monolíngüe e, portanto, nos perguntamos: quando alguém migra, como será que passa a se identificar, a compreender a sua “língua” e a ser compreendido pelo outro? E, é possível demarcar de uma vez por todas e para todos os brasileiros uma língua materna?

É a escola a grande responsável pelo ensino de língua padrão, o português culto, como se essa fosse a língua materna de todos os que nasceram no Brasil e está também entre os seus objetivos fazer com que todos sejam iguais, que não existam diferenças e que a instituição-escola seja um lugar homogêneo. Louis Althusser identifica a escola como um aparelho ideológico do Estado e define seu funcionamento da seguinte maneira: “Desta forma, a Escola, as Igrejas “moldam” por métodos próprios de sanções, exclusões, seleção etc...não apenas seus funcionários mas também suas ovelhas.” (ALTHUSSER, 1970; 1985, p.70), mostrando-nos o poder homogeneizador dessa e de outras instituições. E quando o professor é o migrante, quando ele fala outra variante que não aquela dos habitantes desse local (alunos, outros professores, coordenadores), quando ele usa palavras, expressões, sintaxe diferentes, como é visto? Como o professor se compreende e é compreendido pelos outros? Esse professor fala “errado”, e, então, deixaria de ser um modelo a ser seguido?

Está no imaginário dos alunos, pais, funcionários de instituições escolares e nos próprios professores uma representação do que é ser professor, como ele deve agir nessa função social (ou como Naffah Neto diz “papel”), como deve se comportar. “Podemos dizer que o papel funciona como uma espécie de armadura invisível que recobre o corpo, modelando-o e reduzindo o seu espaço de movimentação livre na direção de ações socialmente permitidas ou desejáveis para a manutenção do *status quo*.” (NAFFAH NETO 1985; 1988, p.30). E no caso dos professores migrantes de língua portuguesa, espera-se que

² Só muito recentemente, foram oficializadas três línguas indígenas (Nheengatu, Tukano e Baniwa) no município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas.

ele fale corretamente, que utilize a norma padrão da língua. Mas se esse não for o caso, como ficará a representação do professor?

Sabemos da importância de compreender-se a si próprio para que o professor compreenda também seus alunos migrantes em sala de aula, já que esse deveria ser um espaço de interação e reflexão. Esquecemos-nos, porém, de que como sujeito, o professor precisa vivenciar experiências que lhe possibilitem dizer-se mais do que dizer, para que perceba a necessidade de proporcionar experiências semelhantes aos seus alunos. E sabemos quão raras são essas oportunidades. As redações e as entrevistas-relatos constituem algumas delas.

Pretendemos responder as questões acima citadas e outras a partir da análise de entrevistas e redações de professores migrantes brasileiros e construir reflexões sobre língua materna, línguas estrangeiras, identidade e formação de professores de língua portuguesa. Consideramos essas entrevistas como narrativas de si, verdadeiros relatos que se fazem, necessariamente, no *a posteriori* da memória – lembrança do passado que se constrói a partir do presente. “Memória que é sempre esquecimento; narração que é sempre ficção, sempre transformação do passado que se faz presente e já é futuro.”(CORACINI 2007, p.51). Sem deixar de considerar os dois esquecimentos que Pêcheux postula, de que o sujeito é marcado pelo inconsciente e não tem controle do seu dizer e, portanto, não pode controlar os efeitos de sentido de sua narrativa (CORACINI 2007, p.32).

Objetivos

Pretendemos problematizar algumas questões a partir das seguintes perguntas de pesquisa:

- (1) Qual é a relação que o sujeito, professor migrante brasileiro, tem com a sua língua materna?
- (2) O sujeito professor percebe-se “entre línguas” dentro do seu país?
- (3) Quais são as conseqüências do processo de migração para a sua formação como professor de língua portuguesa?

Desta forma, neste trabalho, queremos contribuir para as discussões sobre língua materna e formação de professores, além da questão da identidade nacional, que está presente no migrante de forma mais evidente do que nos outros sujeitos não-migrantes, pois existe um choque de culturas quando migramos, embate com a nova cultura e realidade, além de que do migrante são cobradas características do seu lugar de origem - por exemplo o sotaque - que, ao mesmo tempo, podem ser questionadas e até reprimidas.

Metodologia

Durante a pesquisa será feito o levantamento bibliográfico, que estará relacionado à migração dentro do Brasil, como ela se deu e como está presente atualmente. Serão feitas, também, leituras teóricas sobre psicanálise e identidade (Bauman (2000; 2004), Birman (1998), Hall (1992)), para a compreensão sobre o sujeito e suas representações, sobre língua materna, a partir do olhar que questiona sua unidade e que aborda a formação do professor de língua portuguesa, além de leituras sobre a Análise do Discurso (Foucault (1971; 1975), Pêcheux (1975; 1983), dentre outros) na tensão com a desconstrução (Derrida (1972; 1996)), pela qual faremos nossas análises dos *corpora*.

O primeiro *corpus* será constituído por aproximadamente quatro entrevistas informais, a partir de perguntas abertas, com pouca e, de preferência, nenhuma interferência da pesquisadora para que os relatos possam acontecer da forma mais espontânea possível, gravadas em áudio, realizadas com migrantes de várias regiões do Brasil que estão vivendo no estado de São Paulo e que atuam, ou atuaram, como professores de língua portuguesa neste local. Essas entrevistas farão parte do *corpus* do projeto "A suposta uni(ci)dade da língua: entre a memória e o esquecimento", orientado pela Profa. Dra. Maria José Rodrigues Faria Coracini.

O segundo *corpus* será constituído de redações ou trechos de redações que foram escritas por professores da rede pública de ensino para um concurso promovido em 1996 pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo sobre o "Professor escreve a sua história"³, que também faz parte do arquivo do projeto "A suposta uni(ci)dade da língua: entre a memória e o esquecimento".

Metas Semestrais

No primeiro semestre (agosto a dezembro de 2007), pretendemos proceder à coleta das entrevistas, à transcrição e início da análise das mesmas, e ao levantamento bibliográfico, além de esboçar as respostas para as duas primeiras perguntas de pesquisa: (1) qual é a relação que o sujeito, professor migrante brasileiro, tem com a sua língua materna?, isto é, observar como o sujeito se identifica com a língua portuguesa, e (2) o sujeito professor percebe-se entre línguas dentro do seu país?, ou seja, ele considera que vive num país monolíngüe, sem variações? Ou que vive num país plurilíngüe? Como este fato é percebido no seu discurso? E, se as diferenças existem, como o sujeito

³ Acesso concedido pela Profa. Dra. Marisa Lajolo.

trabalha com elas? Têm importância, levam a questionamentos ou é um aspecto que não causa reflexões?

No segundo semestre (janeiro a julho de 2008), continuaremos o levantamento bibliográfico e a coleta dos *corpora*, buscando nas redações “Professor escreve a sua história” relatos que tratem da migração de professor, continuaremos a análise das mesmas e das entrevistas, e temos como metas as respostas finais às duas primeiras perguntas de pesquisa, além de responder a terceira pergunta que consiste em observar as conseqüências que o processo de migração traz para a formação do professor de língua portuguesa. Ser migrante faz com que o professor de língua portuguesa apresente diferenças na hora de dar aulas e diferenças de compreender conceitos que envolvam a língua? Diferenças causadas por reflexões sobre a língua, a própria atuação como professor e falante do português, ou, também, por reações de outros (alunos, escola)?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALTHUSSER, Louis (1970) *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. Trad.: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt (2000) *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. (2004) *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BIRMAN, Joel (1998) *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CORACINI, Maria José (org.) (2003) *Identidade e Discurso*. Campinas/Chapecó: Ed. da Unicamp/Argos.
- _____. (2007) *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- DERRIDA, Jacques (1972) *Posições*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____. (1996) *O monolingüismo do outro: ou a prótese de origem*. Trad.: Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.
- FOUCAULT, Michel (1971) *A ordem do discurso*. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- _____. (1975) *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad.: Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- HALL, Stuart (1992) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- NAFFAT Neto, Alfredo (1985) *O inconsciente: um estudo crítico*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- PÊCHEUX, Michel & Fuchs, Catherine (1975) A propósito de uma análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In F. Gadet e T. Hak (orgs) *Por uma*

- análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.*
Trad.: Bethânia Mariani et alii. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- _____. (1983) *Discurso: estrutura ou acontecimento?* Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi.
Campinas: Pontes Editores, 1990.